



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS  
DEPARTAMENTO DE FITOTECNIA  
CURSO DE AGRONOMIA**

**TAINÁ DA SILVA CUNHA**

**EMPODERAMENTO FEMININO NO CAMPO: INTERSECÇÃO ENTRE  
AGROECOLOGIA E FEMINISMO A PARTIR DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS**

**FORTALEZA**

**2023**

TAINÁ DA SILVA CUNHA

EMPODERAMENTO FEMININO NO CAMPO: INTERSECÇÃO ENTRE  
AGROECOLOGIA E FEMINISMO A PARTIR DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS

Monografia submetida ao curso de Graduação em Agronomia, do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Engenheira Agrônoma.

Orientador: Prof. Dr. Lamartine Soares Cardoso de Oliveira.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

C98e Cunha, Tainá da Silva.

Empoderamento feminino no campo: intersecção entre agroecologia e feminismo a partir das feiras agroecológicas / Tainá da Silva Cunha. – 2023.

38 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Agrárias, Curso de Agronomia, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Lamartine Soares Cardoso de Oliveira.

1. Agroecologia. 2. Feira agroecológica. 3. Empoderamento feminino. I. Título.

CDD 630

---

TAINÁ DA SILVA CUNHA

EMPODERAMENTO FEMININO NO CAMPO: INTERSECÇÃO ENTRE  
AGROECOLOGIA E FEMINISMO A PARTIR DAS FEIRAS AGROECOLÓGICAS

Monografia submetida ao curso de Graduação em Agronomia, do Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Engenheira Agrônoma.

Aprovada em: 07/07/2023.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Lamartine Soares Cardoso de Oliveira (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Francisco Neto Tavares Forte  
Engenheiro Agrônomo e Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFC)

---

Francisca Erica Cardoso Nobre  
Engenheira Agrônoma e Doutoranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFC).

À Deus e a minha querida e amada mãe  
Tania Maria da Silva Cunha pelo exemplo  
singular de vida, compreensão e apoio  
incondicional.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha genitora, Tânia Maria da Silva Cunha, que é minha mãe, meu pai e minha amiga. Seu esforço para me acompanhar até aqui é inestimável. Esta conquista é nossa e há muitas mais por vir.

Ao meu tio Dilermando Tell Cunha por ser uma inspiração e estar sempre ao meu lado. Sua presença e apoio significam muito para mim.

À minha irmã Joana da Silva Cunha por todo seu apoio, irmandade e por sempre me escutar.

À minha amada avó Maria da Costa Silva, exemplo de mulher empoderada e motivação nos meus dias mais difíceis.

À minha avó Joana Nilda e ao meu avô Francisco Gomes por todo apoio.

A todos os familiares por todo suporte e torcida por essa conquista.

Ao professor Lamartine, agradeço imensamente por todo incentivo, amizade e orientação que fez um grande diferencial na minha graduação e fará na minha carreira profissional.

Ao CETRA pela oportunidade de estágio e por ser um diferencial na minha carreira profissional.

As agricultoras Alcy, Fafá, Lourdes, Lurdinha e Marcinha por fazer parte e ser fonte de inspiração do meu TCC. Mulheres fortes e empoderadas que admiro e fico imensamente grata em tê-las conhecido.

Ao meu amigo Neto Forte, por toda ajuda durante a construção do TCC, incentivo à vida de concurseira e por aceitar participar da minha banca.

À Erica Nobre por sua disponibilidade em aceitar participar da minha banca e agregar conhecimento com suas sugestões, e relevantes apontamentos.

À minha amiga Giane Pedroso, que sempre acreditou no meu potencial até mesmo quando eu duvidava. Sua generosidade em abrir mão do caminho mais fácil em chegar à Fazenda para que pudesse ir me buscar em casa às 6 horas da manhã, todo dia, com aquele sorriso único que só você tem, é algo que sempre guardarei no coração. Saudades.

Ao GAUFC, GEPPE e GEPS que possibilitaram várias oportunidades de aprendizado e experiências que levarei para o resto da vida.

A todos os meus queridos amigos que estiveram ao meu lado nos momentos felizes e tristes. Em especial ao Lucas Albuquerque, Luiza Rayol, Leonardo Rodrigues, João Rozendo, Sabrina Calixto e Israel Oliveira.

“Eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores” (Cora Coralina).



## RESUMO

A agricultora além de trabalhar ativamente na produção agrícola, é responsável por cumprir várias tarefas, como os afazeres domésticos e cuidar de seus filhos, mesmo cumprindo todas essas atividades a sua participação no campo é muitas vezes ignorada e invalidada, sendo privilegiada a figura masculina como representante da família e responsável pela plantação. Essa desigualdade de gênero permeia por vários âmbitos, seja na questão salarial ou nas decisões, interferindo efetivamente no empoderamento feminino. Diante deste cenário, o trabalho em questão aborda a relação entre agroecologia e feminismo no contexto rural, com foco nas agricultoras da Feira Agroecológica e Solidária do Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria aos Trabalhadores (CETRA), que habitam nos municípios de Itapipoca e Quixadá. O objetivo central da pesquisa é compreender como a agroecologia pode ser uma ferramenta para o empoderamento das mulheres no campo, e a sua importância para contribuir na equidade de gênero e a promover a visibilidade e o reconhecimento de suas experiências e saberes. A metodologia utilizada para a análise foi mediante uma entrevista, aplicando-se um questionário semiestruturado, realizado por ligação telefônica com as 5 agricultoras. Como resultado, observou-se que a agroecologia cumpre papel importante na autoestima, autonomia e empoderamento dessas mulheres, bem como na valorização de seus trabalhos e contribuindo através das feiras agroecológicas a sua independência financeira.

**Palavras-chave:** agroecologia; empoderamento feminino; feira agroecológica.

## **ABSTRACT**

The female farmer, in addition to actively working in agricultural production, is responsible for carrying out various tasks, such as household chores and taking care of her children, even performing all these activities, her participation in the field is often ignored and invalidated, with the male figure being privileged as representative of the family and responsible for the plantation. This gender inequality permeates several areas, whether in terms of wages or decisions, effectively interfering with women's empowerment. This work will address the relationship between agroecology and feminism in the rural context, focusing on the farmers of the Agroecological and Solidarity Fair of the Center for Labor Studies and Worker Advice (CETRA), who live in the municipalities of Itapipoca and Quixadá. The central objective of the research is to understand how agroecology can be a tool for the empowerment of women in the field, which is of paramount importance to contribute to gender equity and to promote the visibility and recognition of their experiences and knowledge. The methodology used for the analysis was through an interview, applying a semi-structured questionnaire, carried out by telephone call with the 5 farmers. As a result, it was observed that agroecology plays an important role in the self-esteem, autonomy and empowerment of these women, as well as in valuing their work and contributing through agroecological products to their financial independence.

**Keywords:** agroecology; female empowerment; agroecological fair.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagens da feira agroecológica e solidária.....	21
--	----

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária das agricultoras.....	23
Gráfico 2 – Número de filhos das agricultoras.....	24
Gráfico 3 – Nível de escolaridade das agricultoras.....	25
Gráfico 4 – Estado civil das agricultoras.....	26

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CETRA	Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria aos Trabalhadores
ID	Identificação
MMTR	Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste
SBPC	Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>Fundamentos da agroecologia.....</b>	<b>16</b>
<b>2.2</b>	<b>Histórico do feminismo.....</b>	<b>17</b>
<b>2.3</b>	<b>Empoderamento feminino no campo.....</b>	<b>18</b>
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
<b>3.1</b>	<b>Descrição do objeto de pesquisa.....</b>	<b>20</b>
<b>3.2</b>	<b>Coleta de dados.....</b>	<b>21</b>
<b>3.3</b>	<b>Análise dos dados.....</b>	<b>22</b>
<b>4</b>	<b>Resultado e Discussão.....</b>	<b>23</b>
<b>4.1</b>	<b>Perfil das agricultoras.....</b>	<b>23</b>
<b>4.2</b>	<b>Percepção da agroecologia e empoderamento feminino para as entrevistadas.....</b>	<b>27</b>
<b>4.3</b>	<b>Percepção sobre os desafios, dificuldades e experiências das entrevistadas.....</b>	<b>33</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>38</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Mesmo com os avanços nas discussões sobre igualdade de gênero, a sociedade brasileira, devido à sua história de colonização exploradora, escravocrata e patriarcal, ainda perpetua comportamentos caracterizados pela dominação patriarcalista. Essa realidade tem como consequência a restrição da autonomia das mulheres, especialmente aquelas que vivem no meio rural, privando-as do direito de tomar decisões sobre suas próprias vidas (AMORIM *et al.*, 2015).

O tema da monografia surgiu a partir de experiências em estágios e vivências da autora como técnica de campo. Durante esse período, foi possível observar de perto a realidade das mulheres no meio rural, percebendo que na maioria das vezes, apesar de exercer diversas atividades no campo, a representatividade feminina era praticamente inexistente nas tomadas de decisões.

Durante o estágio obrigatório realizado a partir de agosto de 2022 no Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador (CETRA), a mesma teve a oportunidade de conhecer outra realidade, visto que conheceu algumas mulheres envolvidas na produção e venda de produtos agroecológicos na Feira Agroecológica e Solidária realizada em Fortaleza na sede do CETRA. Ao interagir com essas mulheres agricultoras que residem em Itapipoca e Quixadá, foi possível perceber a importância do seu papel na agroecologia e a necessidade de dar visibilidade às suas experiências e contribuições.

Esses encontros e experiências despertaram na autora o interesse em investigar mais profundamente a questão da representatividade feminina no contexto da agroecologia e dedicar sua monografia ao tema da importância do empoderamento feminino no campo, focando especificamente na interseção entre agroecologia e feminismo.

A interseção entre agroecologia e feminismo ganha destaque como campo de estudo em constante evolução, trazendo à tona discussões relevantes sobre a importância do empoderamento feminino no contexto rural, uma vez que as mulheres executam um importante papel na produção de alimentos e na preservação da biodiversidade (SILIPRANDI, 2015). A agroecologia é uma ciência que integra princípios e práticas ecológicas que visam uma produção de alimentos sustentáveis e de menor impacto ao meio ambiente, promovendo um melhor equilíbrio dos ecossistemas e menor dependência de insumos externos. Conjuntamente, o papel

das mulheres nas transformações das coletividades rurais, bem como o crescimento do empoderamento feminino é enaltecido e viabilizado pelo movimento feminista. “(...) é isso o que precisamos fazer para compartilhar o feminismo, para fazer o movimento chegar à mente e ao coração de todo o mundo” (BELL HOOKS, 2021, p. 15).

A discussão sobre o empoderamento feminino no campo é necessária, visto que prevalece o protagonismo masculino. Apesar dos dados que comprovam um aumento da participação feminina no campo, as mesmas continuam enfrentando a opressão de gênero que reflete na pouca participação das decisões políticas, culturais e produtivas no meio em que convive (AMORIM *et al.*, 2015).

Este trabalho tem como objetivo analisar a relação entre agroecologia e feminismo a partir das feiras agroecológicas, com enfoque nas mulheres agricultoras que protagonizam esses espaços.

Especificamente pretende-se:

- a) Identificar como a agroecologia contribui para uma autonomia e empoderamento feminino.
- b) Ressaltar a importância do empoderamento das agricultoras como agentes de transformação.
- c) Destacar as experiências e perspectivas das agricultoras agroecológicas.
- d) Identificar como a agroecologia contribui para uma autonomia e empoderamento feminino.



## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Para melhor entendimento da literatura utilizada neste trabalho, o referencial teórico está dividido nos seguintes subtópicos: Fundamentos da agroecologia, Histórico do feminismo e Empoderamento feminino no campo.

### **2.1 Fundamentos da agroecologia**

Durante a segunda metade do século XX, muitos países latino-americanos aderiram à chamada Revolução Verde, um modelo de produção agrícola proposto e implementado em nações mais procuradas após a Segunda Guerra Mundial. Tinha o objetivo de aumentar a produção e a produtividade nas atividades agrícolas, por meio do uso intensivo de insumos químicos, variedades geneticamente modificadas de alto rendimento, irrigação e mecanização. Esse modelo de produção trouxe avanços promissores no aumento da produção de alimentos, mas também gerou impactos socioambientais e desigualdades no campo (ALMEIDA, 2008).

Caporal e Costabeber (2004) afirmam que as práticas agrícolas não convencionais não conseguiram oferecer soluções para os desafios socioambientais decorrentes do modelo convencional. Nesse contexto, a agroecologia emergiu como um enfoque científico revolucionário, capaz de viabilizar a transição a estilos de agricultura sustentáveis, valorizar a diversidade de culturas, a utilização de práticas de manejo do solo e dos recursos naturais, além da participação ativa das comunidades rurais.

No Brasil, a partir da década de 1980, foi visível as consequências da Revolução Verde. A contestação a esse modelo e às formas de organização produtivas gerou em manifestações sociais cada vez mais relevantes e legítimas nos anos posteriores (ALMEIDA, 2008).

A agroecologia surge como uma ciência dinâmica e promissora, que oferece princípios ecológicos fundamentais para o manejo de ecossistemas vegetais. Esses princípios visam a preservação dos recursos naturais, considerando a sensibilidade cultural, a justiça social e a viabilidade econômica (ALTIERI, 2004).

A agroecologia é considerada como um novo modelo que substitui a agricultura convencional e industrial, pois incorpora elementos unificados e sintéticos. Essa abordagem inovadora se diferencia por sua visão holística, contemplando não apenas os aspectos ambientais, mas também as questões humanas de forma integrada (JESUS, E. L.; 2005).

A agroecologia reconhece e se beneficia dos conhecimentos, saberes e experiências dos agricultores, povos indígenas, povos da floresta, pescadores, comunidades quilombolas e outros atores sociais envolvidos no desenvolvimento rural. Ela valoriza o potencial endógeno, ou seja, os recursos locais. Sem abordagem agroecológica, o potencial endógeno é essencial e serve como ponto de partida para qualquer projeto de transição agroecológica. Ele permite a compreensão dos fatores socioculturais e agroecossistêmicos que são fundamentais para a sustentabilidade e o desenvolvimento rural (CAPORAL; COSTABABER, 2004). A agroecologia vai além das práticas agrícolas, ela reconhece e valoriza os recursos e conhecimentos locais, promovendo a equidade de gênero e fomentando a soberania alimentar, com uma abordagem holística para a agricultura e o desenvolvimento rural que beneficia tanto os agricultores quanto o meio ambiente.

## **2.2 Histórico do feminismo**

Segundo Costa e Sardenberg (2008), enquanto na Europa e Estados Unidos havia a revolução em todas as esferas da vida social, inclusive nas relações pessoais e na família, disparado pelo “novo” modo de produção que ali se estabelecia, no Brasil, como nos demais países da América Latina, ainda se vivia sob um regime colonial, escravocrata e patriarcal.

No final do século XIX, surgiu a primeira onda do feminismo, iniciada pelas mulheres inglesas que se uniram para reivindicar seus direitos. Uma das demandas mais conhecidas e amplamente difundidas foi o direito ao voto. As sufragistas, como eram chamadas, organizaram grandes manifestações em Londres e alcançaram a conquista do direito ao voto no Reino Unido em 1918 (PINTO, 2010).

No contexto brasileiro, diversas mulheres já estavam engajadas em movimentos de resistência, como o combate à ditadura militar. Em 1972, um grupo pioneiro de mulheres feministas surgiu em São Paulo, marcando o início de uma jornada de luta pelos direitos das mulheres. Aos poucos, os temas relacionados ao feminismo passaram a ser incorporados em eventos e fóruns nacionais, como a reunião da Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC) realizada em Belo Horizonte, em 1975 (ALVES; ALVES, 2013).

O movimento feminista foi ganhando mais espaço na sociedade e em dado momento, reuniram-se mais de três mil mulheres nos Congressos da Mulher Paulista.

O I Primeiro Encontro Nacional Feminista ocorreu em Fortaleza-Ceará. A organização do movimento tem início em meados do século XX, sendo mais visível em 1919, com a luta pelo voto, seguindo tendência internacional do movimento sufragista (ALVES; ALVES, 2013). As sufragetes brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga e cientista.

A subordinação da mulher, além de ser um fenômeno milenar e universal, constitui-se, também, na primeira forma de opressão na história da humanidade. Em contraste, o surgimento de uma consciência crítica feminista acerca dessa opressão específica, assim como das lutas pela liberação da mulher, são fenômenos relativamente recentes (COSTA; SARDENBERG, 2008).

O feminismo, ao lutar contra o sistema social baseado na injustiça, na exploração e na opressão, aponta o papel central da luta contra a opressão das mulheres. Ao buscar os direitos e responsabilidades de cada mulher sobre si mesma: sua força de trabalho, sua capacidade de procriar e sua sexualidade, articulando o pessoal e o público, o individual e o coletivo, a transformação pessoal e a construção de um movimento de mulheres massivo que organize a força das mulheres em luta (ALVAREZ, 2008).

### **2.3 Empoderamento feminino no campo**

Ao contrário das áreas urbanas, nas unidades de produção familiar no meio rural, há uma sobreposição do local de trabalho e de moradia, o que torna mais desafiadora a distinção entre o trabalho produtivo e reprodutivo realizado por homens e mulheres. Na economia rural, a participação das mulheres frequentemente é invisibilizada devido à prevalência do familismo, uma perspectiva que prioriza a figura masculina como chefe de família e representante dos interesses do conjunto da unidade familiar, como é comumente observada no campesinato ou na agricultura familiar. Nos assentamentos da reforma agrária, a interdependência entre os espaços de produção e reprodução é ainda mais estreita, com a adição da dimensão da participação política, devido às características do processo de formação desses assentamentos e à dinâmica de convivência territorializada (SPECHT, 2019).

A invisibilidade, a baixa remuneração e a ausência desta resultam da desvalorização das atividades produtivas e reprodutivas das mulheres, e determina o não reconhecimento delas como agricultoras familiares ou trabalhadoras rurais. Neste

sentido, o empoderamento econômico é percebido como imprescindível para a conquista da cidadania plena. Em outras palavras, a capacidade das mulheres de obter recursos financeiros tem um papel fundamental na conquista do empoderamento social, político e cultural, interferindo diretamente na atuação nos âmbitos públicos e privados (AMORIM *et al.*, 2015).

A formação da identidade de trabalhadora é considerada uma ferramenta essencial para capacitar as mulheres a se tornarem sujeitos políticos, conquistando espaços na esfera pública. Duas abordagens apontam para a potencial redução da precariedade do trabalho feminino no campo: a transformação da produção familiar em formas de produção assalariada e o reconhecimento do status profissional das mulheres como "agricultoras", em contraposição à identidade de "esposas de agricultores" (AMORIM *et al.*, 2015).

O empoderamento pessoal tem início quando o indivíduo desperta para a consciência de sua própria capacidade e autonomia, e busca ativamente seu desenvolvimento pessoal, fortalecendo sua autoestima e confiança (LISBOA, 2008). O conceito de empoderamento tem se tornado uma temática relevante nos debates envolvendo os movimentos de mulheres, movimentos sociais do campo, pesquisas acadêmicas, ações das agências de desenvolvimento, de financiamento de projetos e das políticas públicas. A ênfase dada é referente à autonomia nas tomadas de decisão, nas reivindicações das mulheres para além da esfera pública e na obtenção de poder em temas que afetam suas vidas (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007).

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Descrição do objeto de pesquisa

O presente trabalho irá abordar sobre a importância do empoderamento através da agroecologia com foco nas agricultoras da Feira Agroecológica e Solidária do Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria aos Trabalhadores (CETRA), que habitam nos municípios de Itapipoca e Quixadá, localizados a 130 km e 167 km, respectivamente, da Capital do Estado do Ceará.

A escolha desses municípios e das agricultoras da feira como participantes da pesquisa se deve ao fato de que essas regiões apresentam uma presença ativa de mulheres que desempenham um papel fundamental na produção de alimentos e na promoção de práticas agroecológicas. As agricultoras escolhidas são as que participam ativamente da feira localizada em Fortaleza na sede do CETRA.

A Feira Agroecológica e Solidária de Fortaleza iniciou em dezembro de 2015 e acontece sempre na primeira sexta-feira do mês de 15hrs às 18hrs na Sede do CETRA, localizado em Fortaleza. Na de Itapipoca irá completar 18 anos de sua existência neste ano de 2023, é realizada toda quarta-feira na Praça Matriz, e foi a partir dela que foi possível multiplicar e formar outras feiras pelo estado do Ceará, incluindo a de Fortaleza. As/Os agricultoras(es) familiares vendem seus produtos diretamente aos consumidores, permitindo que estes tenham um contato direto com quem produziu, tendo a possibilidade de troca de conhecimentos e informações sobre a origem do que está comprando. Essas feiras são uma forma de valorização da agricultura familiar, que promovem o fortalecimento dos vínculos sociais e estimulam a comercialização de produtos das(os) pequenas(os) agricultoras(es), garantindo aos clientes o acesso a alimentos saudáveis por meio de uma produção sustentável de base agroecológica. Além disso, elas fortalecem a organização comunitária, pois são organizadas de maneira participativa com a coordenação das(os) próprias(os) agricultoras(es).

Figura 1 – Imagens da feira agroecológica e solidária



Fonte: Autora (2023).

### 3.2 Coleta de Dados

Para obter as informações necessárias para a pesquisa, foi realizada a coleta de dados por meio de entrevistas por ligação telefônica com as agricultoras da Feira Agroecológica do CETRA. A escolha desse método de coleta foi baseada na facilidade de acesso às participantes, devido à distância geográfica entre a pesquisadora e as participantes, buscando viabilizar a participação das agricultoras na pesquisa de forma mais acessível e considerando a praticidade de realizar as entrevistas de forma remota. A entrevista foi realizada com as 5 das 6 agricultoras da feira de Fortaleza que estavam disponíveis para participar.

Antes de ser realizada a coleta de dados, foi preparado um questionário para a entrevista contendo as questões referentes ao tema do estudo, relacionadas a participação e dedicação das agricultoras na produção agroecológica, suas experiências, desafios e percepções sobre o empoderamento feminino no campo.

A seleção das participantes foi realizada tomando como referência alguns requisitos específicos, como ter participação ativa na feira agroecológica, frequência nas edições e contribuição para a produção de alimentos agroecológicos. Essa seleção buscou garantir uma representatividade diversificada das mulheres envolvidas na feira, sendo uma feirante do município de Itapipoca e quatro no de Quixadá. Todas foram informadas previamente por whatsapp sobre o propósito da

entrevista, o tema que seria abordado e o consentimento para a participação voluntária e para gravação da ligação.

Durante as entrevistas por ligação telefônica, a pesquisadora foi desenvolvendo o diálogo conforme as perguntas estabelecidas no questionário. As ligações tiveram uma média de 30 minutos, onde foi possível estabelecer uma conversa muito produtiva e esclarecedora. A ligação ficou gravada para uma melhor análise das respostas coletadas e para uma possível consulta posterior.

Posteriormente, os arquivos de áudio foram transcritos, tabulados e organizados em um documento online para facilitar a análise e comparação das respostas.

### **3.3 Análise dos dados**

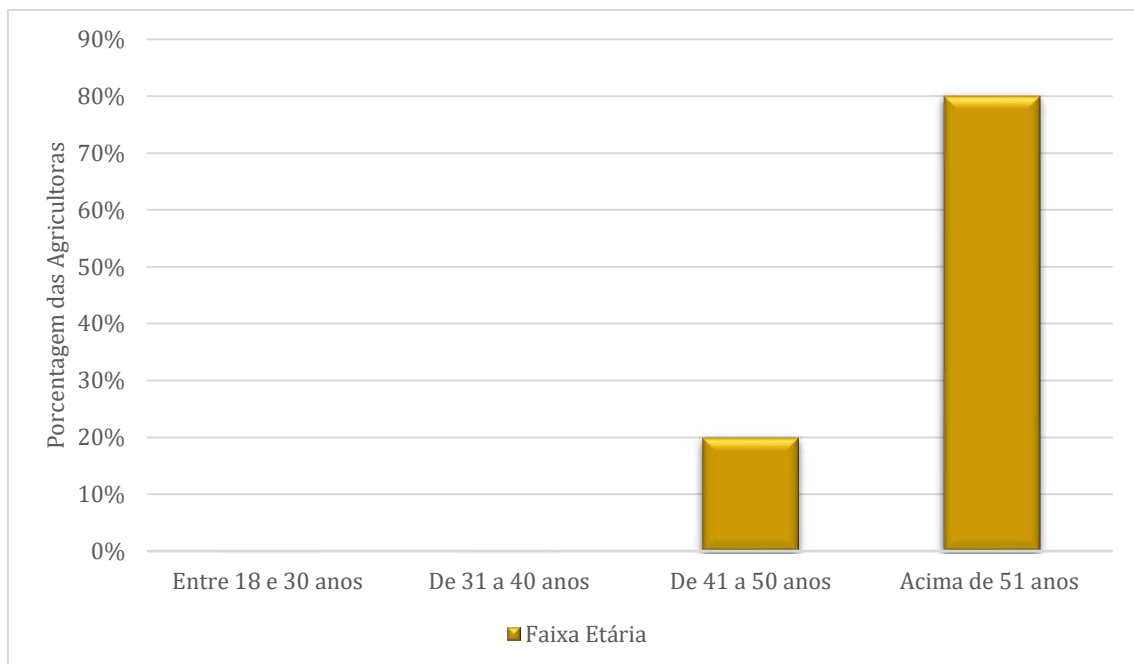
A análise será realizada de forma descritiva e qualitativa através dos dados coletados nos questionários que foram transcritos em um documento online para possibilitar uma melhor comparação, estatística descritiva e inferência.

## 4 RESULTADO E DISCUSSÃO

### 4.1 Perfil das agricultoras

Foi traçado o perfil das agricultoras entrevistadas sendo feito o levantamento de dados como a faixa etária, o estado civil, nível de escolaridade e a composição familiar. No gráfico 1 visualizamos a faixa etária das entrevistadas e 80% delas possuem idade acima de 51 anos, apesar da preocupação quanto a manutenção da agricultura familiar, visto que é uma prática passada dos pais para as(os) filhas(os) e observa-se a ausência da participação de mulheres jovens, as agricultoras demonstraram grande capacidade e habilidade para atender às demandas relacionadas à produção, manejo e comercialização de seus produtos. Esse dado ressalta a importância da experiência e conhecimento acumulados ao longo dos anos, fatores que têm possibilitado que essas mulheres enfrentem os desafios do campo com sucesso, independente da faixa etária.

Gráfico 1 - Faixa etária das agricultoras



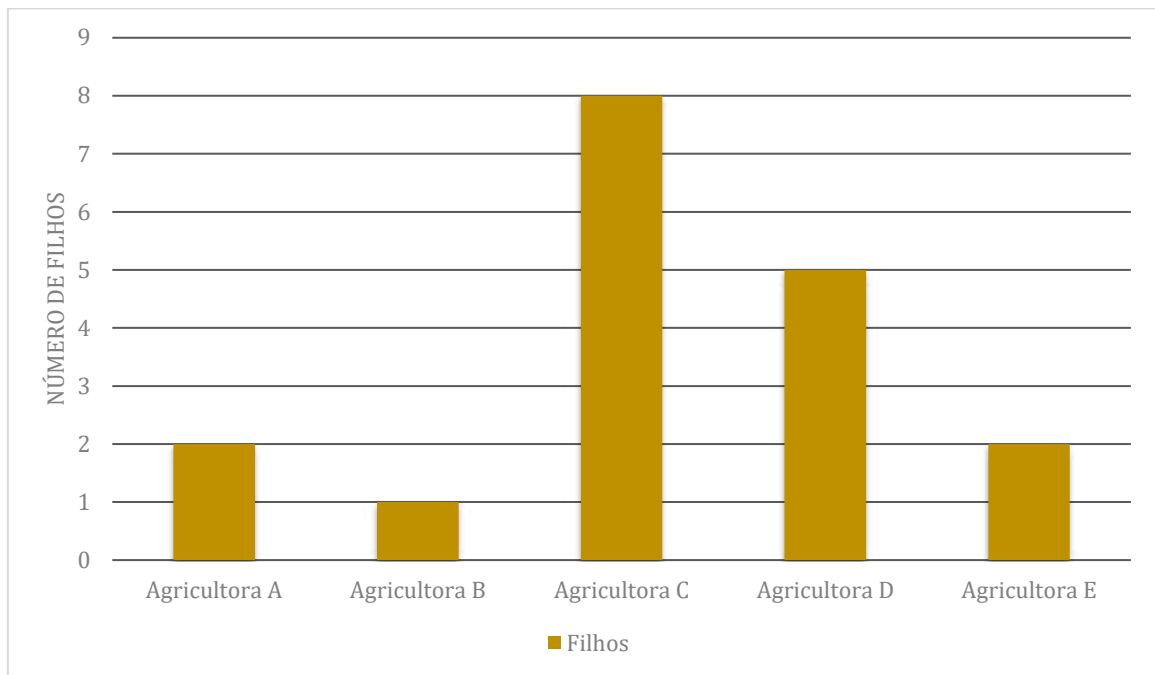
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No gráfico 2 aborda sobre a quantidade de filhos das produtoras e apenas uma tem somente um filho. Interessante analisar que 80% das entrevistadas comentaram durante a entrevista que moram sozinhas ou com seus maridos e os filhos já não residem na mesma casa que as mesmas. Essa informação é pertinente ao analisar o



gráfico 1, visto que são mulheres com idade acima de 50 anos que relataram durante a aplicação do questionário sobre a dificuldade em contratar mão de obra, seja pela falta de pessoas ou condições financeiras, e as filhas e filhos, em sua maioria, escolheram outras ocupações como fonte de renda. Uma das entrevistadas com idade de 60 anos, tem 8 filhos e mesmo morando sozinha realiza as atividades e manejos na produção.

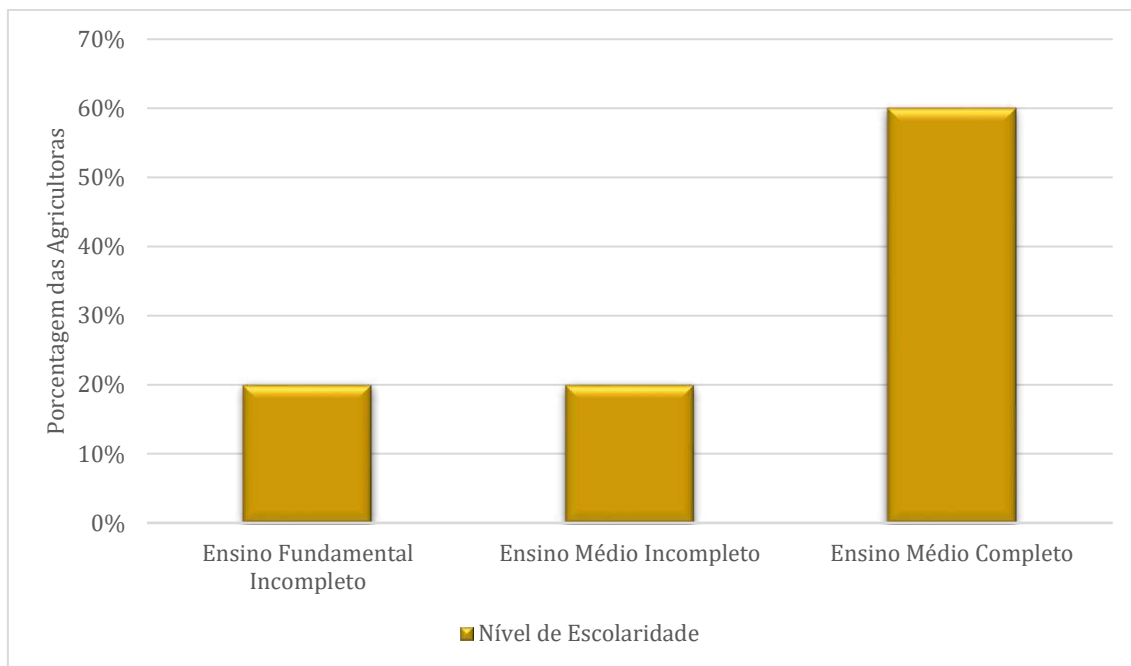
Gráfico 2 – Número de filhos das agricultoras



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Podemos observar sobre o nível de escolaridade das entrevistadas no gráfico 3 que 60% das agricultoras concluíram o ensino médio. Na entrevista, algumas relataram que trabalham na agricultura desde a adolescência para ajudar seus pais e a ter seu próprio dinheiro, por esse motivo não tinham disponibilidade em se dedicar aos estudos.

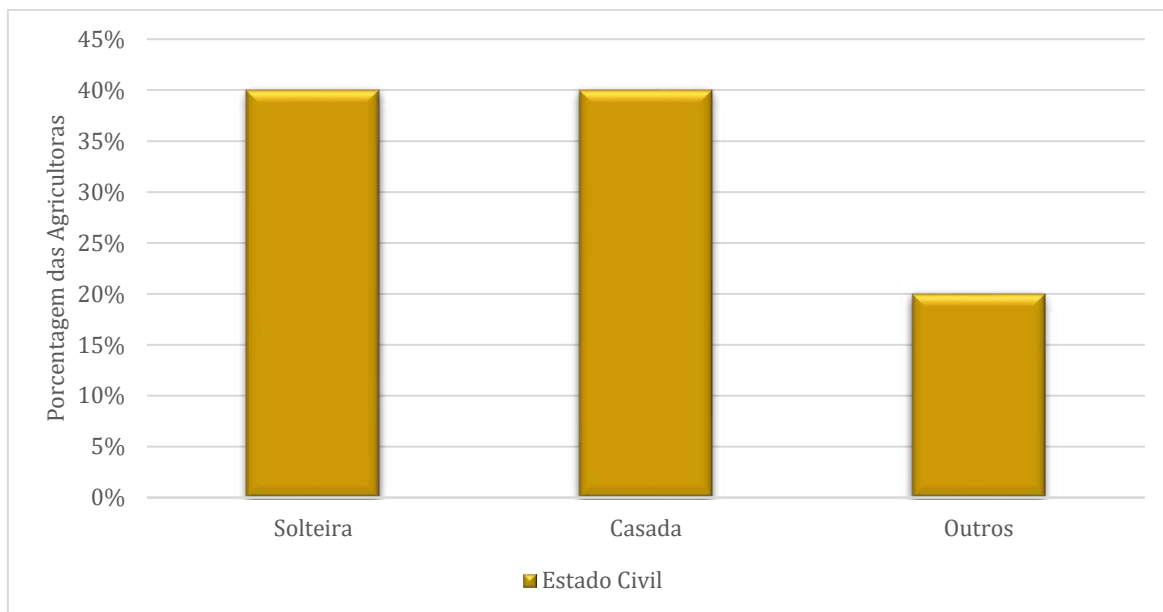
Gráfico 3 – Nível de escolaridade das agricultoras



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Outra informação importante é sobre o estado civil das agricultoras observado no gráfico 4, que apenas 2 agricultoras são casadas e as mesmas recebem ajuda do marido na produção agrícola, onde ele realiza o trabalho mais braçal, mas trabalham em conjunto e dividindo as tarefas. Uma das agricultoras que é solteira e mora sozinha, relatou que participa do grupo de mulheres na sua comunidade e que as mesmas realizam as atividades de produção e manejo em conjunto, como uma opção para sanar a mão de obra escassa.

Gráfico 4 – Estado civil das agricultoras



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

## 4.2 Percepção da agroecologia e empoderamento feminino para as entrevistadas

ID	Percepção da agricultora	Discussão da autora
A	<p>“A agroecologia pra mim não é só o não uso do agrotóxico, mas sim a solidariedade, a humanidade e a união. É você conviver com pessoas que realmente lhe traz transparência e amor. “</p> <p>“É um desafio, pra mim é um desafio muito grande trabalhar com a agroecologia, porque nem todo mundo aceita. Você vai ao supermercado e vê um tomate todo bonito e quando mostra o da gente é diferenciado, aí tem aqueles que dizem que o do supermercado é mais bonito. É um desafio muito grande”.</p> <p>“Acho que é a gente não baixar a cabeça e enfrentar as dificuldades, porque o empoderamento feminino ainda tem muito a ver com o preconceito.”</p>	<p>A percepção da entrevistada sobre a agroecologia enfatiza uma visão integrada, valorizando as relações colaborativas e não se limitando apenas por ser uma produção que não utiliza agrotóxicos. Ao mesmo tempo, ela afirma que é um desafio trabalhar com produtos agroecológicos, visto que tem uma comparação, pelos clientes, com a estética de alimentos produzidos com práticas convencionais. Existem diversos métodos de controles de pragas e doenças que possam amenizar essa diferença na estética do produto e até tornando a produção mais produtiva.</p> <p>Já a sua percepção sobre empoderamento feminino diz respeito a ter força e coragem de enfrentar as dificuldades e que o preconceito desempenha papel significativo na luta pela igualdade de gênero.</p>

<p>B “Agroecologia pra mim é você estudar a vida e respeitar a vida. Não só dos seres humanos, mas de tudo. A característica da agroecologia é de ter cuidado com solo, não fazer queimadas e não usar agrotóxicos.”</p> <p>“A agroecologia é a peça fundamental para uma mulher empoderada. Porque ela não defende só a vida dela, mas também a vida dos seres vivos, o solo, evitar queimadas e agregar valores para defender a si mesmo e a natureza.”</p> <p>“Eu acho que é quando você tem domínio das coisas, é quando luta e exige seus direitos de educação, salário e muitas coisas na sociedade. Pra mim é isso.”</p>	<p>A segunda agricultora já trás o conceito de preservar a vida dos seres vivos, o cuidado com o solo que é onde produzimos nosso alimento com um bom manejo, o que faz toda a diferença na fertilidade do mesmo. Segundo Primavesi (2016) a vida do nosso planeta depende de um solo sadio, que assim a planta será sadia e os seres humanos também.</p> <p>Ao perguntar sobre o que entende sobre empoderamento feminino, ela enfatiza que o mesmo contribui para o domínio de várias áreas da vida, como ter autonomia e liberdade nas suas decisões. Também direitos fundamentais na sociedade, o que caracteriza um empoderamento não apenas para questões individuais, mas sim coletivo.</p>
---	--

C “Pra mim é tudo. Ter vida boa, saúde, não se inclui só a produção, mas o respeito ao meio ambiente, às pessoas e aos animais. É se alimentar com uma comida de verdade produzida por mim com muito amor e carinho, que não usa mão escrava e infantil e preserva a mãe natureza.”

“Antes de eu ser agroecológica, eu já era feminista. Já fazia parte do Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR), e a partir daí que fui me empoderando, conhecendo meus direitos, tenho minha liberdade. Foi o movimento que me incentivou e me ajudou quando sofri uma violência doméstica, abriu a minha mente e eu já sabia o que tinha que fazer quando passei por essa situação, não só pra mim como foi benéfico para muitas mulheres aqui da comunidade.”

“A agroecologia trata todas essas questões, é um pacote bem feito para nós mulheres. Eu já era feminista e quando conheci a agroecologia pude participar de várias palestras, intercâmbios, vivências sobre feminismo. Isso

Percebe-se nas falas da agricultora C o seu interesse em participar de ações voltadas ao assunto e versa o quanto a agroecologia está inserida na sua vida e o quanto ela é importante. Ao compartilhar suas experiências, reforça a interseção entre agroecologia e feminismo e mostra que a mesma é também uma ferramenta de transformação social que fortalece os movimentos feminista nas comunidades rurais e incentiva mulheres a ser empoderadas. A mesma comentou durante a entrevista que algumas mulheres, de sua comunidade, quando sofrem alguma violência ligam pedindo orientação e ajuda, mostrando a importância de palestras e capacitações sobre feminismo nas áreas rurais, de forma que aborde sobre os direitos das mulheres e orientações sobre o que fazer quando sofrer alguma violência.

	<p>mostra que a agroecologia aborda tudo, além de uma alimentação saudável.”</p>	
<p>D</p>	<p>“A agroecologia é vida, foi onde eu pude me descobrir. Foi através da agroecologia que eu passei a enxergar o quanto eu era valorizada por fora e não sabia, não dava valor ao que eu tinha e o que eu era.”</p> <p>“Eu entendo que é a maneira da gente ser igual aos homens, ter uma autonomia que antes não tinha.”</p>	<p>A agroecologia desempenhou um papel fundamental na valorização pessoal da entrevistada D, permitindo que a mesma enxergue seu potencial e valor. A mesma acredita que o empoderamento feminino garante uma autonomia e a igualdade de gênero, visto que no campo o trabalho do homem é bem mais valorizado que o da mulher, a qual cumpre diversas tarefas e recebe menos.</p>

	<p>“Antes a mulher se sentia oprimida, sendo humilhada e achava que aquilo era normal e hoje não é mais assim.”</p>	
E	<p>“Pra mim é renascimento e vida, porque quando comecei a fazer o curso de agroecologia eu era dependente de calmante e era depressiva. Com o curso que eu fiz, passei a renascer e ter uma nova vida, pois abriu novos horizontes e hoje não sou mais dependente de medicamentos.”</p> <p>“Eu acho que é você dizer não pra algo que não aceita e também ser escutada. Eu sou empoderada por ter vencido os obstáculos de não poder sair porque meu marido não deixava ou ficava com raiva. Os primeiros passos que eu dei pra me desenvolver e ser quem eu sou hoje foi através do curso de agroecologia. Hoje não preciso ter que pedir autorização para sair, porque não é mais como</p>	<p>A agricultora D relata sobre como a agroecologia foi importante na sua vida, considerando que o curso de agroecologia foi um renascimento e uma melhoria significativa na sua saúde mental e bem estar. Esse curso foi um diferencial e permitiu que ela desenvolvesse sua independência e se tornasse uma mulher empoderada capaz de se expressar e romper situações de controles e opressão.</p>



antigamente que era controlado e sempre tinha discussões.”

### 4.3 Percepção sobre os desafios, dificuldades e experiências das entrevistadas

ID	Percepção da agricultora	Discussão da autora
A	<p>“Graças a Deus hoje em dia a gente tem mais acesso as coisas porque antes era só os homens, mas ainda existe o preconceito de que a mulher tem que tá na cozinha e o racismo também.”</p> <p>“Não tenho muita dificuldade graças às instituições que ajudam a gente, mas no começo para se inserir a gente não tinha assessoria, nem apoio da prefeitura e também os poucos produtos para levar para as feiras.”</p> <p>“Outro grande desafio é sobre ser uma mulher negra, porque eu tinha muito medo e era um desafio a questão do racismo. Hoje digo que sou negra com muito orgulho e feminista!”</p>	<p>A agricultora A destaca a evolução da sociedade em relação ao acesso a muitas oportunidades para as mulheres, visto que antigamente a desigualdade de gênero era bem mais presente que hoje em dia. Atualmente essa desigualdade continua existindo, porém através de lutas e manifestos conquistaram mudanças sociais, políticas e legislativas, e prosseguem reivindicando pelos seus direitos e quebrando barreiras impostas pela sociedade.</p> <p>A entrevistada afirma que não tem dificuldades por ser mulher e agricultora, mas assenta que por ser uma mulher negra é um grande desafio. Apesar de destacar na sua fala que tem orgulho de ser negra, existem muitas que continuam sofrendo com o racismo, destacando a importância de temas como esse ser mais abordado, principalmente no meio rural.</p>

<p>B</p>	<p>“Não só na produção da agricultura, mas também sobre nossos direitos que apesar de tá no papel a realidade é outra. Se a mulher for trabalhar, não querem pagar o mesmo valor que pagam o homem.”</p> <p>“Mas hoje como mulher, me sinto bem melhor que antes, pois trabalhava muito na roça e ainda tinha que trabalhar em casa, meu trabalho não era reconhecido e ainda ganhava pouco. Hoje é muito gratificante pra mim reconhecer o meu trabalho e ver que consegui tudo com meu esforço e sozinha.”</p>	<p>Segundo a entrevistada B, a realidade não reflete sobre as garantias legais para as mulheres. Apesar de existirem leis e regulamentações para a igualdade salarial, esse é um problema sistêmico, pois infelizmente não reflete apenas no meio rural, apesar de que no campo essa questão é bem mais enraizada.</p> <p>A agricultora comenta que apesar de ter passado por dificuldades e desvalorização do seu trabalho, hoje em dia como uma mulher empoderada, consegue reconhecer o valor do seu trabalho e obter conquistas através de seu próprio esforço.</p>
<p>C</p>	<p>“Muita gente acha que não somos capazes de colher, capinar, e fazer o trabalho braçal.”</p> <p>“Não passei nenhuma dificuldade, só passei com meu marido que não aceitava que eu saísse e participasse das reuniões e eventos que eu participava.”</p> <p>“Graças a Deus, desde os 12 anos eu trabalho no campo, criei meus 8</p>	<p>A agricultora C é um exemplo de superação e empoderamento. Sofreu violência doméstica e decidiu se separar do marido e criar seus oito filhos sozinha, por meio da produção agroecológica. A sua luta contra os estereótipos de gênero no campo e os desafios no âmbito pessoal, reforçam que a agroecologia e o feminino foram de suma importância no seu desenvolvimento pessoal, garantindo sua autonomia e empoderamento econômico.</p>

	<p>filhos, sem marido, só trabalhando na agricultura familiar e nunca precisei trabalhar de carteira assinada, foi sempre plantando e tendo o sustento da produção agroecológica até hoje continuo.”</p>	
D	<p>“Tem serviço que a gente não consegue fazer. Na parte de compra e venda eu sempre estou à frente, e não vejo muita dificuldade.”</p> <p>“Na época da limpa de mato, não tenho condições de pagar uma diária e é um tempo que eu perco e deixo de tá cuidando da minha produção.”</p> <p>“Foi a de que eu pude me descobrir, saber que eu podia sim fazer e não era inferior a um homem.”</p>	<p>Percebe-se nas falas da entrevistada D que a agroecologia desempenhou um papel de empoderamento e autoafirmação, desvinculando a ideia de inferioridade, mas reconhecendo que existem atividades que podem ser mais desafiadoras para as mulheres. Também comentou que sua maior dificuldade é quando precisa realizar a limpeza da área e por não ter condições financeiras de pagar alguém para realizar, ela mesma tem que cumprir essa função, gerando uma sobrecarga na mesma.</p>

E “Aqui na comunidade sempre era composta por homens e o presidente sempre homem, de 2021 pra cá quebramos esse tabu e eu sou a presidente da associação com a maioria formada por mulheres. Antigamente as mulheres nem votavam e nem podiam fazer parte.”

“Há tempos atrás quando eu trabalhava e meu esposo pegava todo o dinheiro e gastava. Pra mim foi muito ruim e só me prejudicava, foi aí que eu passei a não ligar mais pra ele porque sempre sobrava pra mim. Isso serviu pra mim crescer porque eu vi que eu era capaz de viver sem ele, pra gente continuar juntos ele que precisaria mudar e não eu.”

Pode-se analisar que o feminismo e empoderamento feminino em conjunto com a agroecologia desempenham mudanças positivas a nível pessoal e coletivo. A quebra de tabu com um maior envolvimento de mulheres na associação representa uma conquista coletiva através do empoderamento das mulheres que antes não tinham o direito de fazer parte. A entrevistada comentou sobre sua experiência pessoal na qual conseguiu analisar que a situação com seu marido a prejudicava, decidiu ter sua independência e valorização pessoal.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lutas por igualdade de gênero, autonomia, independência e autovalorização são relatadas pelas agricultoras entrevistadas, gerando um impacto significativo em suas vidas. No meio rural, essas questões, muitas vezes, são desvalorizadas e pouco tratadas, sendo de suma importância uma assessoria técnica como a do CETRA que além de promover a agroecologia, compreende uma perspectiva mais ampla de desenvolvimento rural, valorizando o papel da mulher e abordando sobre as questões de gênero e direito delas.

Com base no levantamento realizado para este trabalho, pode-se concluir que a agroecologia e o feminismo contribuem significativamente para proporcionar espaços de empoderamento pessoal e coletivo no campo como uma via para promover a equidade de gênero, a autonomia das mulheres produtoras pela valorização do seu trabalho, visibilidade às suas experiências e contribuições, e incentivo na participação da produção, manejo e tomada de decisões. As feiras agroecológicas e solidárias desempenham papel importante na agricultura familiar, além de contribuir na renda, as agricultoras têm a possibilidade de uma maior visibilidade e valorização de seu trabalho. Contribuindo para que as feirantes sejam protagonistas e agentes de mudanças em suas comunidades.

Com base nessas reflexões e experiências, a autora espera que sua pesquisa possa contribuir para a construção de um campo agroecológico mais inclusivo e igualitário, no qual o trabalho das mulheres seja valorizado e que elas participem em maior número nas decisões que afetam suas vidas e no meio em que convivem.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. POR UM NOVO SENTIDO À PRÁTICA DA AGRICULTURA. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR), Comissão Editorial da SER, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/pgdr/wp-content/uploads/2021/12/532.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023

ALTIERI, M. A. Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

ALVAREZ, S. E. Engajamentos Ambivalentes, Efeitos Paradoxais: movimentos feminista e de mulheres na América Latina e/em/contra o desenvolvimento. **Revista Feminismos**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30021>. Acesso em: 1 jun. 2023.

ALVES, G. da R. do A.; SCHERER, J.; HENN, L. G. Movimento feminista: “Mulheres na Universidade-GEEUM@”. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [S. l.], v. 4, n. 2, 2018. DOI: 10.23899/relacult.v4i2.896. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/896>. Acesso em: 12 jun. 2023.

AMORIM, érika oliveira; FIÚZA, A. L. de C.; PINTO, N. M. de A. MULHER E TRABALHO NO MEIO RURAL: COMO ALCANÇAR O EMPODERAMENTO?. **Caderno Espaço Feminino**, [S. l.], v. 28, n. 1, 2015. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/27046>. Acesso em: 12 jun. 2023.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA. 2004b.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia: aproximando conceitos com a noção de sustentabilidade. In: RUSCHEINSKY, A. (Org.) Sustentabilidade: uma paixão em movimento. Porto Alegre: Sulina, 2004a.

COSTA, Ana Alice; SARDENBERG, Cecília. O Feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas. Salvador: UFBA/Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008.

GUIMARÃES, S. de M.; GONÇALVES, R. Q. Relações de gênero e divisão sexual do trabalho no meio rural: interlocuções com o movimento social “Marcha das Margaridas”. **Revista Brasileira de Educação do Campo**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 231–251, 2017. DOI: 10.20873/uft.2525-4863.2017v2n1p231. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/3287>. Acesso em: 15 jun. 2023.

HOROCHOVSKI, R. R.; MEIRELLES, G. Problematizando o conceito de empoderamento. Movimentos Sociais, Participação e Democracia. UFSC, Florianópolis, Brasil. 25 a 27 de abril de 2007.

JESUS, E. L. Diferentes abordagens de agricultura não convencional: história e filosofia. In: AQUINO, A. M.; ASSIS, R. L. (Ed) Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. p.21-48.

MELO, H. P.; DI SABBATO, A. Mulheres rurais – invisíveis e mal remuneradas. In: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. Gênero, agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul. Brasília: ,2006.

PINTO, Céli. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. (Coleção História do Povo Brasileiro).

RIBEIRO, Julyanna de Melo. O saber-existência das mulheres rurais: histórias de vida a partir dos feminismos subalternos e decoloniais. 141 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/7250>. Acesso em: 27 jun. 2023.

SILIPRANDI, E. Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas. / Emma Siliprandi. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

SPECHT, A. Autonomia crítica das mulheres rurais: a casa pode cair, elas querem voar. UNB. Brasília, 2019. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/635064?mode=simple>. Acesso em 29 jun. 2023.